

“E todo silêncio é música em estado de gravidez”: Representações do lembrar e do esquecer em *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto

Marcelo Franz e Thiago Alexandre Correa¹

Abstract: Mia Couto is currently the most well-known and studied African fiction writer in Brazil. His vast prose work, marked by poetic intensity, has in the themes of memory, individual and collective, one of its most outstanding themes. We analyze in this study the novel *Antes de Nascer o Mundo o Mundo* (2009). The plot is narrated and starred by the boy Mwanito, who describes the exile his family is forced to face by determination of its father, Silvestre Vitalício. The characters are taken to a territory devoid of any social contact, which generates in Mwanito and in his brother Ntunzi the experience of a growth without references of a past to explain them and guide their searches in the presente. Jesusalém, the closed world where they live, is the metaphor of oblivion imposed, motivated by the trauma of a past of pain and desolation of which Silvestre Vitalício wants to escape and protect his children. We discuss the various representations of memory and forgetfulness and the meaning they have in Couto's novel. We also analyze the construction of the identities of the characters and the importance of the word as resistance and humanization before the force of the silencing.

Keywords: Memory; Identity; Mia Couto.

Resumo: Mia Couto é atualmente o ficcionista africano mais conhecido e estudado no Brasil. Sua vasta obra em prosa, marcada pela intensidade poética, tem na memória, individual e coletiva, um dos seus temas mais destacados. Analisamos neste estudo o romance *Antes de Nascer o Mundo* (2009). A trama é narrada e protagonizada pelo menino Mwanito, que descreve o exílio que sua família é obrigada a enfrentar por determinação de seu pai, Silvestre Vitalício. Os personagens são conduzidos para um território desprovido de qualquer contato social, o que gera em Mwanito e em seu irmão Ntunzi a experiência de um crescimento sem referências de um passado que os explique e oriente suas buscas no presente. Jesusalém, o mundo fechado onde vivem, é a metáfora do esquecimento imposto, motivado pelo trauma de um passado de dor e desolação do qual Silvestre Vitalício quer se desfazer e proteger (ainda que tiranicamente) seus filhos. Discutimos as variadas representações da memória e do esquecimento e o significado que eles têm no romance de Couto. Também analisamos a construção das identidades dos personagens e a importância da palavra como

¹ Marcelo Franz é professor de Literaturas de Língua Portuguesa e Teoria Literária do Curso de Letras da UTFPR, Campus Curitiba-PR. Atua também na Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da mesma instituição. Thiago Alexandre Correa é orientando de Marcelo Franz.

fator de resistência e humanização ante a força do silenciamento.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Mia Couto.

Introdução: Muito lembrar, muito esquecer. A memória e seus significados

Como entender a memória em nossos dias? Assunto de grande relevância para o homem contemporâneo e suas crises, como atestam as reflexões de vários pensadores, a memória se constitui nos últimos anos como objeto de estudo de diversos campos do saber. Nota-se uma significativa expansão dos estudos sobre o tema, o que gera em alguns (otimistas) a impressão de que se trata de um auspicioso tema de estudo “novo” ou de maior visibilidade nos dias que correm, e em outros (pessimistas) a suspeita de que estejamos diante de um modismo ou tema de interesse circunstancial. Contudo, a memória, devido à sua complexidade e à sua abrangência na experiência humana, sempre se constituiu como busca investigativa de diferentes saberes, como a neurologia, a psicologia, a antropologia, a filosofia e a história².

A religiosidade grega antiga representava a memória por meio de duas matrizes mitológicas distintas, ambas atualizadas pelo emprego polissêmico da palavra Mnemosyne. Celebrava-se a memória na forma de uma divindade, a titênide Mnemosyne, filha da Terra e do Céu e única entidade capaz de controlar o tempo. Segundo o mito, Mnemosyne foi também uma das esposas de Zeus. Quando a guerra contra os Titãs foi vencida pelos Olímpicos, como forma de comemoração da vitória, os deuses pediram a Zeus que criasse divindades capazes de lhes proporcionar prazer com a rememoração constante de seus feitos e glórias. Atendendo à solicitação, Zeus dirigiu-se à Macedônia, onde Mnemosyne residia, e manteve relações com ela por nove noites consecutivas, gerando as nove Musas, cuja ação junto aos mortais é fazê-los, de modo inspirado (em forma de arte), celebrar os deuses e seus altos feitos. Igualmente, por meio da ação inspiradora de suas filhas, Mnemosyne, instigando a criação artística, lembrava aos homens a grandeza dos heróis e de suas façanhas. Desse modo, o poeta (ou, no geral, o artista), inspirado pelas musas, era um homem possuído pela memória, habilidade que consistia no pleno domínio do passado, origem de toda criação artística e intelectual (BRANDÃO, 1990, p. 89).

Mnemosyne é também o nome de um dos rios infernais que, segundo o mito, os mortos devem atravessar em seu caminho pelo Hades. Além dele, há outras correntes no inferno (Aqueronte, Styx, Flageton, Kokitos). Mas a fonte de Mnemosyne é localizada junto à nascente do rio Lete, que, segundo Harald Weinrich, é “um rio do submundo que confere esquecimento às almas dos mortos. (...) Os autores antigos concordam em que as almas bebem as águas do Lete para, esquecidas de sua existência anterior, ficarem livres para renascer em um novo corpo” (WEINRICH, 2001, p. 24). Beber das águas do esquecimento, para os que creem ou esperam o retorno após a morte, é a garantia de uma

2 Segundo Paolo Rossi, os diferentes saberes da memória seriam derivados de uma divisão clássica na sua conceituação, que surge da oposição entre as ideias a esse respeito defendidas, na antiguidade, por Aristóteles e Platão. Para o primeiro, o lembrar, entendido como atividade material, é um ato deliberado e exercitável. Dessa base aristotélica resultariam as descrições racionalistas e científicas da memória, como as da psicologia, da neurologia e da história. Já para Platão, o lembrar, visto como modo de acesso à verdade, é carregado de uma aura mística e anímica. Da base platônica resultariam as concepções metafísicas da memória, como as que se vê na filosofia de Bergson e Heidegger (ROSSI, 2010, p. 15-18).

purificação melhoradora. Porém, em contraposição a essa crença, algumas religiões esotéricas pregavam que melhor seria procurar as águas do rio da memória, o Mnemosyne. Aos adeptos dessa fé ensinava-se que, após a morte, chegando ao Hades, se lhes fosse dado escolher de que rio beber, deveriam optar pelo Mnemosyne em lugar do Lete. Essas águas permitiriam não apenas recordar tudo como também alcançar a onisciência (para os gregos, em muitas circunstâncias, memória e saber têm tonalidades de sinonímia). Isso impediria o retorno aos sofrimentos terrenos já que as almas saciadas pela memória seriam enviadas aos Campos Elísios, onde passariam a eternidade em conforto e paz.

Em qualquer das linhas mitológicas aqui apresentadas, destaca-se o sentido de suposta eternização associado à faculdade do lembrar. De fato, o dote mais elevado da deusa da memória, assim como o benefício maior associado às águas do rio da memória, é a vitória sobre os ditames do tempo, aspiração principal dos mortais e provável garantia da sempre esperada imortalidade. Mas o caráter sagrado dessa habilidade humana é também perceptível, de modo indireto, pela complexa etimologia que envolve os termos relacionados ao lembrar e ao esquecer a partir da raiz grega. “Esquecimento” em grego antigo é *Leth*, e designa, por analogia, algo encoberto, oculto, latente. Significativamente, os gregos chamavam “verdade” (a busca maior do filósofo) de *Aletheia*, isto é, o não-encoberto, não-oculto, não-latente. Novamente Harald Weinrich nos auxilia lembrando que:

Com efeito, por muitos séculos o pensamento filosófico da Europa, seguindo os gregos, procurou a verdade ao lado do não-esquecer, portanto da memória e da lembrança, e só nos tempos modernos tentou mais ou menos timidamente atribuir também ao esquecimento uma certa verdade (WEINRICH, 2001, p. 21).

Fora da esfera do mitológico, a compreensão do conceito memória para os filósofos clássicos também não se fecharia numa só definição. Porém, numa leitura preliminar, o que caracteriza o ato memorialístico é, na compreensão de Platão, a consciência da “presença do passado”, que se forma, segundo Aristóteles, por uma conjunção de *mneme* (a memória em si) e de *anamnesis* (lembrança acionada). A primeira seria a conservação ou persistência dos conhecimentos passados, chamada também de retentiva. A segunda designa o ato da evocação ou a capacidade de tornar atual a matéria da memória, ali retida. Nota-se que essa conceituação dá lastro para que se pressuponha, como fazem as teorias modernas, que a memória é uma experiência de que fazem parte, por um lado, o sentimento – ou percepção – do passado e, por outro, a expressão do passado na forma de um discurso que o evidencie.

Numa intrincada reflexão, sobre o processo por meio do qual se forma o acervo de nossas memórias, Aristóteles é o primeiro pensador a entender, nos seus termos, a precedência da linguagem como manifestação do memorialístico, algo que em nossos dias é basilar em qualquer teorização nessa área. Márcio Seligmann-Silva nos ensina a respeito da visão aristotélica da memória que

Na sua concepção dinâmica do nosso aparelho cognitivo, os cinco sentidos são responsáveis pela captação das sensações e seu transporte para a faculdade de imaginação, que por sua vez, fornece as imagens que constituem a matéria bruta de nossa faculdade intelectual. A parte da alma que cria imagens é considerada, em Aristóteles, como um *a priori* para o processo intelectual mais “elevado”. Afinal de contas, para ele “a alma nunca pensa sem uma imagem mental (...) mesmo quando pensamos de modo especulativo, devemos ter uma

imagem mental com a qual pensamos”. (...) Em Aristóteles, portanto, encontramos tanto uma concepção de memória como escritura na nossa placa mnemônica das impressões do mundo, como também uma forte concepção de reminiscência ou recordação, como um procedimento de leitura. (SELIGMANN-SILVA in MIRANDA, 2007, p. 72-73)

A neurologia define memória como uma construção psíquica e intelectual (sendo, portanto, uma importantíssima função do cérebro humano) que acarreta uma representação seletiva – porque jamais totalizante – do passado. Não é propósito deste estudo um aprofundamento dessas questões pelo viés neurológico. O que se sabe é que a mecânica dessa seletividade, bem como as circunstâncias da retentiva (o processo de apreensão das percepções) e da emergência do que se reteve são ainda misteriosas.

Seja como for, o ato memorialístico está na dependência dos estímulos do contexto em que ocorre e do qual se alimenta.

No livro *A memória coletiva*, Maurice Halbwachs defende que é impossível a construção de uma memória unicamente individual. De acordo com o estudioso, (HALBWACHS, 2003, p. 30): “jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”.

É na interação que o indivíduo constrói sua memória individual. A memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (HALBWACHS, 2003, p. 102). Portanto, o que se denomina memória coletiva é o processo pelo qual passa uma sociedade ou grupo para reconstruir um passado vivido por eles. E se difere da memória histórica, pois esta, afirma o sociólogo, só é possível quando a memória social se apagou e deixou espaço para que os acontecimentos passados fossem “selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras (...)” (HALBWACHS, 2003, p. 100), deixando o passado ser apresentado de forma resumida e esquemática.

Podemos observar que representações ficcionais da memória costumam direcionar o olhar do estudioso para a inevitável problematização das “formas do dizer” da memória no universo ficcional, feita da complexa relação das memórias individuais com as coletivas. Se é verdade que em muitos casos o texto literário propõe o encaminhamento de sua exegese ora na direção das “viagens íntimas”, ora na das “aventuras na história”, é muito corrente, sobretudo na ficção dos últimos tempos (em que prevalece a problematização das certezas e do centramento individual da voz narrativa personalizada), o embricamento de ambas. Assim, a representação da subjetividade oscila entre o compromisso com a historicidade (no desenho possível de um sujeito histórico) e as fragilidades advindas da construção artística de um ser que existe pelo ato narrativo e pela rememoração (no perfil traçado de um sujeito pessoal).

Em paralelo a isso, e como seu reflexo, nota-se, quando da investigação do memorialístico nas produções contemporâneas, uma dificuldade de taxonomia, comum na literatura pós-moderna, já que o ficcional dialoga criticamente com o histórico, ao mesmo tempo em que o romance se cruza formalmente com a biografia, com o diário, com as cartas e com a autobiografia. Acrescente-se a isso a supressão dos limites entre arte e teoria, com as mesclas de romance e ensaio, sempre com a complicação do papel organizador da “mímeses” pelo narrador, oscilante em suas convicções, bipartido em pensador da narração (desmascarando o caráter de “representação” presente nesse ato) e agente da narrativa e seu contexto.

Como veremos adiante, as manifestações da memória e da(s) identidade(s) são temas recorrentes nas obras de Mia Couto, oferecendo assim oportuno espaço para se pensar da relação indissociável entre ambos os aspectos. Isso significa que, para haver busca identitária, o trajeto inevitavelmente percorrerá o terreno da memória, e o inverso igualmente ocorre, visto que os processos de identificação também são determinantes durante o ato de lembrar: Nesse sentido, Joel Candau afirma:

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAU, 2018, p. 19)

Do ponto de vista da agenda política dos movimentos sociais, nota-se uma forte demanda pelo passado. Isso decorre da percepção da ameaça do esquecimento das ações libertárias ou de resistência do passado ou da perda de identidade cultural no presente – advinda dos efeitos do poder uniformizador dos meios de comunicação globais ou dos estados nacionais. A memória seria, assim, a chave das transformações sociais a buscar ou o elemento fundamental de um valor identitário transcendente a impulsionar as lutas e reivindicações de grupos marginalizados historicamente. A configuração da ação política, pautada na noção de multiculturalismo, fenômeno forte da contemporaneidade e que interessa, em algumas de suas manifestações criativas, aos estudos literários (os da linha dos Estudos Culturais) exemplifica isso.

E o que dizer sobre o esquecimento como fator (e problematizador) da memória? Trata-se, segundo o filósofo Paolo Rossi, da “perda definitiva ou provisória das ideias, imagens, noções, emoções, sentimentos, que um dia estiveram presentes na consciência individual ou coletiva” (ROSSI, 2010, p. 34). No processo de seleção das memórias, aquelas que não são lembradas concentram-se na categoria do esquecimento, que pode ser um modo de apagamento de largos recortes ou apenas de mínimos aspectos, sendo um elemento depurador ou potencializador do significado do que se lembra. O esquecimento buscado ou deliberado (e é na representação disso que se concentra um dos focos do enredo do romance que analisaremos) pode assumir um caráter positivo ou negativo dependendo da situação. No caso das memórias a que se atribui maior valor ou positividade, certamente há o desejo de que elas se eternizem e assim o esquecimento pode ser uma ameaça. Em contrapartida, no caso das memórias negativas e traumáticas, o esquecimento pode ser um estado de alívio para as vítimas, o que tende a direcioná-las à busca pelo apagamento. No entanto, o interesse pela extinção de certas memórias, mesmo que traumáticas, nem sempre é um benefício e o mero apagamento do que se vivenciou – na hipótese de isso ser possível pode tomar aspectos que vão da desvalorização (ou desrespeito ao seu significado) até a injustiça frente ao que provocou o trauma experimentado pelo que se deseja esquecer. O antropólogo Joël Candau afirma:

Inimigo da memória, o esquecimento, [...], por vezes objeto de medo e tentação, impõe-se sempre sobre as lembranças. Se “nossa é mente porosa no esquecimento”, é sem dúvida porque encontra ali um abrigo, pois o esquecimento, [...], pode acalmar a dor [...] e, de outro lado, porque sem o esquecimento, nossas lembranças não teriam nenhum alívio. A memória esquecida, por consequência, não é sempre um campo em ruína, pois ela pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso

da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios. (CANDAUI, 2018, p. 127)

Verificaremos como diferentes facetas dessas acepções de memória se representam na obra que aqui pretendemos analisar.

Jesusalém: o mundo sem memória

O romance *Antes de Nascer o mundo* (2009) – intitulado *Jesusalém* em sua edição portuguesa – do escritor moçambicano Mia Couto instiga o estudo de muitos temas ligados à memória. Narrado pelo protagonista Mwanito, o texto é uma sucessão de fatos não lineares, a maior parte vivenciados por ele, e outros escutados a partir de relatos orais ou escritos que chegam a seu conhecimento. A obra é dividida em três partes, respectivamente intituladas: “Livro um: A Humanidade”; “Livro dois: A Visita” e “Livro três: Revelações e Regressos”. No interior desses três “livros” há capítulos intitulados, nos quais o centro da ação é a história de uma família composta por um viúvo e seus dois filhos crianças, Mwanito e Ntunzi, que vivem isolados do mundo em uma cidade, antes inexistente e então por eles fundada e nomeada, “Jesusalém”. Esse exílio em ocorre por vontade do pai, Silvestre Vitalício, que os arrasta para tal vivência com a desculpa de que o mundo acabou e que eles três, mais o Tio Aproximado e um empregado, Zacaria Kalash, eram os últimos sobreviventes. Há uma forte proibição de contato com qualquer coisa relacionada ao mundo de fora do vilarejo.

Além de se referir ao flagelo de uma guerra que, anos antes, teria deixado o pai do narrador perturbado, o romance conta que Silvestre Vitalício é impactado pela traumática perda de sua esposa Dordalma e a partir de tal acontecimento concentra-se na busca pelo apagamento do tempo que passou. Assim, sua determinação de que seus familiares vivam reclusos em Jesusalém (um território isolado) se associa simbolicamente à intenção de isolar-se também das memórias passadas. Para sustentar o esquecimento, uma série de restrições são impostas aos habitantes. Além da proibição de evocar memórias, do contato com a palavra escrita, há também a tentativa (frustrada) de impedir que seus filhos sonhem. No entanto, em meio ao embate pelo crescimento, os meninos sentem a necessidade de recuperar sua história. Essa vontade será despertada, principalmente, com as visitas do Tio Aproximado e de uma mulher chamada Marta.

Quando a história se inicia, no capítulo “Eu, Mwanito, o afinador de silêncios”, o protagonista se apresenta

A família, a escola, ou outros, todos elegem em nós uma centelha promissora, um território em que poderemos brilhar. Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai que me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios, no plural. Sim. Porque não há um único silêncio. E todo silêncio é música em estado de gravidez. (COUTO, 2009, p.13-14)

Mwanito e Ntunzi lidam de maneiras diferentes com o exílio no qual cresceram. Foram levados pelo pai a Jesusalém muito novos. Portanto, suas lembranças anteriores são

escassas. Maurice Halbwachs afirma que “não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social” (HALBWACHS, 2003, p. 43). Talvez esse fato explique porque o exílio era bem menos penoso para Mwanito do que para seu irmão. Desprovido de memórias precedentes aos tempos anteriores à inauguração daquele local, suas lembranças todas estão vinculadas a Jerusalém. Ntunzi, por sua vez, era já um pré-adolescente (tinha onze anos) quando foi retirado do convívio social. Na medida em que cresce, consciente do que o isolamento o fez perder, passa a odiar o pai por ele ter-lhes imposto aquela vida. Esse ódio vem não apenas do que Silvestre lhes conta sobre o “fim do mundo”, mas também das ordens para que ignorem por completo tudo o que sinalize a hipótese de haver um mundo além do lugar onde vivem.

Muitas eram as regras e tentativas do personagem Silvestre Vitalício de extinguir qualquer lembrança. Além da forte proibição do conhecimento das letras, não era permitido falar de antepassados. Ligado a esse apagamento dos vínculos com uma origem em uma descendência está o seu estranho ato de rebatizar ou “desbatizar” a todos. Orlando Macara passou a se chamar Tio Aproximado, espécie de mensageiro entre Jerusalém e o “lado-de-lá”, sendo encarregado de transportar mantimentos; o filho mais velho, Orlando Ventura, passou a se chamar Ntunzi, que significa, segundo o próprio narrador, sombra; o ajudante, Ernestinho Sobra, passa a ser chamado de Zacarias Kalash, em clara referência ao sobrenome do criador do fuzil automático AK-47 (o que é revelador, já que o ex-militar combateu ao lado dos colonizadores). O próprio Silvestre Vitalício tinha se chamado Mateus Ventura. Somente Mwanito (rapaz, menino, filho) não precisou ser rebatizado, pois ainda estava em nascimento (aos três anos de idade, ainda não tinha gestado um passado). Além dos cinco homens, destaca-se a quase humana presença feminina da jumenta Jezibela, que ocupa o lugar de namorada/amante de Silvestre. O abandono dos referenciais do mundo exterior passa pela construção de novas “personas”, adaptadas, ao gosto do patriarca e fundador de Jerusalém, à inauguração de uma sociedade isenta das marcas do que antes se viveu, portanto isenta de memória.

O romance aborda o flagelo desse isolamento social

A humanidade era eu, meu pai, meu irmão Ntunzi, e Zacaria Kalash, nosso serviçal que, conforme verão, nem presença tinha. E mais nenhum ninguém. Ou quase nenhum. Para dizer a verdade, esqueci-me de dois semi-habitantes: a jumenta Jezibela, tão humana que afogava os devaneios sexuais de meu velho pai. E não referi o meu Tio Aproximado. Esse parente vale uma menção: porque ele não vivia conosco no acampamento. Morava junto ao portão de entrada da coutada, para além da permissível distância e apenas nos visitava de quando em quando. Entre nós e a sua cabana ficava a lonjura de horas e feras. (COUTO, 2009, p. 12)

De acordo com Halbwachs (2003, p. 110): “É difícil conceber como despertaria em uma consciência isolada o sentimento de identidade pessoal, talvez porque nos parece que um homem inteiramente só não poderia se lembrar de modo algum”. Isolados do mundo, os irmãos Mwanito e Ntunzi se unem para combater a solidão e erigir suas identidades pessoais forjando o pertencimento a uma identidade coletiva. Como seria isso possível sem um acervo a experiências vividas e comungadas? Paolo Rossi observa que em alguns contextos “memória e imaginação, memória e fantasia se apresentam reunidas e tendem a se tornar sinônimos (ROSSI, 2010, p. 23)”. O narrador Mwanito elege como seu aliado de aventuras e de partilhas memorialísticas a seu irmão Ntunzi, possuidor de memórias remotas e de muita criatividade para efabular enredos:

Meu irmão Ntunzi vivia num só sonho: escapar de Jerusalém. Ele conhecera o mundo, vivera na cidade, lembrava-se da nossa mãe. Tudo isso eu invejava nele. Vezes sem conta lhe pedia que me desse notícias desse universo que eu desconhecia e, de cada vez, ele se demorava em detalhes, cores e iluminações. Os se, crescidos de sonhos. Ntunzi era o meu cinema. (COUTO, 2016, p. 53)

Assim, Ntunzi constitui-se como um contador de histórias. Ao longo da narrativa, revela-se que suas lembranças não passavam de fantasias e tentativas de reconstruir um passado. A busca dos meninos pela construção de uma possível memória (ainda que inventada) se deve à tentativa de construir uma identidade, sendo a imaginação uma potente auxiliar nesse processo.

Outro ponto a ser mencionado é a dificuldade que encontra o personagem Silvestre Vitalício para impor a si mesmo o esquecimento. Em uma passagem do livro *Mwanito* conclui que “A verdade é que, no trono absoluto de sua solidão, meu pai se desconstruía com o juízo, fugido do mundo e dos outros, mas incapaz de fugir de si mesmo” (COUTO, 2009, p. 47). Ainda que pudesse privar seus filhos de um passado, ele era incapaz de impor a si mesmo o pleno esquecimento.

Diante da tirania das mil proibições impostas pelo pai, há a rebeldia dos atos de Ntunzi, que simbolizam a ansiedade por emancipação. A leitura, um ato transgressor por excelência, é exercitada clandestinamente por Ntunzi, que acaba introduzindo o irmão menor no mundo das letras:

A guerra roubou-nos memórias e esperanças. Mas, estranhamente, foi a guerra que me ensinou a ler as palavras. Explico: as primeiras letras eu as decifrei nos rótulos que vinham colados nas caixas de material bélico. O quarto de Zacaria Kalash, nas traseiras do acampamento, era um verdadeiro paiol. O “Ministério da Guerra”, como o pai lhe chamava. Quando chegámos a Jerusalém, ali se guardavam armas e munições. Zacaria escolheu aquele compartimento para se instalar. Naquela mesma cubata, o militar se surpreendeu decifrando os rótulos dos contentores. (...)

- Me ensine a ler, Zaca.

- Se quiser aprender, aprenda sozinho.

Aprender sozinho? Impossível. Mais impossível, porém, seria esperar que Zacaria me ensinasse fosse o que fosse. Ele sabia das ordens do meu pai. Em Jerusalém não entrava livro, nem caderno, nem nada que fosse parente da escrita.

- Pois eu o ensino a ler.

(COUTO, 2009, p. 40-41)

Com efeito, um dos elementos mais complexos na construção dessa identidade por meio do ato memorialístico no romance é o modo como se desenha a relação dos irmãos com o domínio das letras, vetadas em Jerusalém. Pode-se dizer que é nessa busca pela escrita que acontece a construção de um passado e o abrir de um futuro possível para o personagem *Mwanito*, pois é entrelaçada a essa descoberta que a descrença nas afirmações do pai começa a surgir.

Harald Weinrich (2001, p. 78) aponta a importância das letras para a memória quando cita Primo Levi e o holocausto judeu da Segunda Guerra Mundial, testemunhado ficcionalmente pelo autor italiano ao longo de sua obra. Na tentativa de apagar um povo da história, seus perseguidores buscaram, naquele triste episódio da história recente da Europa,

também apagar todos os seus livros e bibliotecas. De maneira parecida, “em Jerusalém não entrava livro, nem caderno, nem nada que fosse parente da escrita” (COUTO, 2009, p. 41).

A resistência pela palavra ganha no enredo do romance outros pontos de aproximação com a atitude própria da literatura de testemunho e seu empenho de registrar (contra as forças do esquecimento imposto) a memória dos que são subjugados. Podemos ver a importância do escrever na fala de Ntunzi quando entrega o lápis roubado a Mwanito dizendo-lhe que “Esconda bem. Esta é a sua arma” (COUTO, 2009, p. 42), uma arma contra o esquecimento, já que, como se vê ao final do livro, é pela escrita que, já crescido, Mwanito construirá a sua emancipação.

A segunda das três partes do romance é marcada pela chegada de Marta, a mulher branca portuguesa que está à procura do seu marido Marcelo e que, por acaso, mantém contato com Tio Aproximado. Contrariando as ordens de Silvestre Vitalício, Aproximado clandestinamente oferece a ela repouso na desabitada casa grande que, apesar de situar-se nos limites de Jerusalém, era relativamente distante da casa onde a família ficava. As ordens paternas não permitiam que os irmãos para lá se dirigissem, o que levou Aproximado a se descuidar, deixando o caminho aberto para que os meninos conhecessem a forasteira, que seria a primeira mulher fisicamente vista por Mwanito, tornando-se uma das mais impactantes memórias de sua vida.

Foi então que sucedeu a aparição: surgida do nada emergiu a mulher. Uma fenda se abriu a meus pés e um rio de fumo se neblinou. A visão da criatura fez com que, de repente, o mundo transbordasse das fronteiras que eu tão bem conhecia.

De soslaio, olhos semicerrados, enfrentei a intrusa. Ela era branca, alta e vestia como um homem, de calças, camisa e botas altas. [...].

Foi então que escutei as primeiras palavras da mulher:

- Estás a chorar? [...]

Inesperadamente, já não sabia viver, a Vida se havia convertido numa desconhecida língua.

- O que se passa, tens medo de mim?

A voz terna e doce só agravou o meu estado de irrealidade. Passei a mão pelos olhos a corrigir as lágrimas e depois, lentamente, ergui o rosto para avaliar a criatura. Mas sempre de soslaio, com medo de a visão me arrancar os olhos para sempre. [...]

- Desculpe, a senhora é mesmo uma mulher?

A intrusa ergueu os olhos, feridos por uma dor antiga. Demorou uma nuvem, sacudiu uma tristeza e perguntou:

- Porquê? Não pareço mulher?

- Não sei. Nunca vi nenhuma antes.

(COUTO, 2009, p. 123-125).

Concretizando algo antes apenas imaginado (o feminino, ausente e proibido em Jerusalém), ela representa a construção de um mundo real para Mwanito. Depois de conhecê-la, sua própria mãe – da qual era proibido falar, mas que aparecia em alguns relatos de Ntunzi ao irmão – começa a ganhar existência em sua imaginação. Ele afirma que em seus sonhos, ainda que sem rosto, sua mãe ganhou voz depois de ter conhecido essa sua primeira mulher. Porém, o fascínio exercido por ela se acentua à medida que se associa ao fascínio das letras a que ela se liga. Assim que toma conhecimento da presença de uma desconhecida em seu território, Silvestre Vitalício determina que seu filho descubra tudo o que conseguir a respeito da vida de Marta. Assim, clandestinamente, ele vasculha os pertences da portuguesa e encontra suas apaixonadas cartas escritas para Marcelo. No en-

tanto, Mwanito guarda para si, sem revelar ao pai, as informações contidas nos papéis que lê, pois este não poderia saber que o menino havia violado suas ordens e aprendido a ler.

O fato mais significativo ligado à leitura dos textos de Marta é que eles despertarão em Mwanito a intenção de registrar suas vivências, vindo, tempos depois, a manter correspondência com a invasora que conheceu e pela qual se encantou na sequência anteriormente citada. O acesso aos escritos nos quais ela registra suas lembranças aciona no menino a intenção de resistir às limitações de seu mundo pela força da palavra. A escrita poética da estrangeira narra os motivos que a trouxeram a Moçambique e revelam a busca de sentido para sua andança por um mundo desolado, abalado pela barbárie da guerra e pelo abandono. É assim que o afinador de silêncios e a escritora memorialista se irmanam na busca por suas identidades. E ambos, Mwanito e Marta, contam suas histórias como num diário, ainda que o conteúdo de seus escritos não seja sempre um reflexo da realidade.

A resistência pelo ato de escrever – testemunhando experiências de dor e desumanização – vivida por esses personagens em seu trajeto de autoconhecimento evoca, como apontamos acima, algo da expressão literária conhecida como literatura de testemunho, estudada no Brasil, entre outros, por Márcio Seligmann-Silva. Segundo esse autor (na análise que faz da produção de escritores que viveram a experiência da “Shoah” e a ficcionalizaram), toda a complexidade dessa corrente artística (que tem congêneres em expressões literárias posteriores ao contexto da Segunda Guerra Mundial³) reside na relação entre trauma e linguagem. Em leitura de chave freudiana, o autor sustenta que o trauma – base da experiência testemunhal tornada literatura – é justamente aquilo que resiste à representação. Em consequência disso, o modo como o real (doloroso) é alcançado pela linguagem é sempre um desafio nesses relatos.

Seligmann-Silva propõe um questionamento acerca dos limites da fala e da experiência. Constata que além de a descrição ser sempre parcial, ela nunca dará conta de representar a experiência do sobrevivente. Mesmo que os recursos estéticos, artísticos e literários favoreçam a representação, as sensações enfrentadas pela vítima não serão vivenciadas por mais ninguém, já que “a língua sempre apaga o singular e coloca o geral no seu lugar: ela é a perda a priori” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 28). Em *Antes de nascer o mundo*, os escritos de Marta e Mwanito constatarem essa perda e a compensam com o simbólico e o imaginado.

É também por meio de cartas de Marta, no final do romance, que se revelam os episódios decisivos do enredo. É ela quem desvenda as causas da morte de Dordalma, mãe de Mwanito e Ntunzi. Através de seus registros a portuguesa traz à tona acontecimentos significativos da história do protagonista.

Contudo não é para falar de mim que te escrevo. Mas de tua mãe Dordalma. Falei com Aproximado, com Zacaria, com Noci, com os vizinhos. Todos me contaram pedaços de uma história. É meu dever devolver-te esse passado que te foi roubado. Dizem que a histó-

3 A atual literatura de testemunho é amparada em discursos favoráveis à reparação de danos a vítimas da violência de Estado, sendo uma tendência forte em alguns países que passaram por redemocratizações (como a Argentina), reformas legais e sociais inclusivas (como a África do Sul), reconstruções ante traumas de ditaduras e guerras (como os países que emergiram da fragmentação da antiga Iugoslávia) ou processos de descolonização e luta pela independência (como os países africanos colonizados por Portugal). Além disso, fermenta essa febre memorialista reparadora e sua derivação em relatos testemunhais a agenda de minorias ou “identidades culturais” historicamente rebaixadas ou vitimizadas, o que põe o testemunhal como uma concepção-chave das literaturas de minorias na contemporaneidade.

ria de uma vida se esgota com o relato de sua morte. Esta é a história de Dordalma, de como ela perdeu a vida, depois de ter se perdido em vida. (COUTO, 2009, p. 242)

Marta cumpre um papel similar a uma guardiã do passado de Mwanito, transmitindo a ele fatos relacionados a sua mãe Dordalma. Mais que isso, nesta mesma carta ela o encorajou a embarcar em outras experiências além de apenas afinar silêncios. Segundo ela, era preciso que ele desfrutasse do prazer e da dor que outras vidas poderiam lhe reservar: "Tu és um menino, Mwanito. Há muita viagem, muita infância que podes ainda viver. Ninguém poderá pedir que não sejas mais que um pastor de silêncios". (COUTO, 2009, p. 250).

A terceira e última parte do livro narra a reintegração dos personagens ao mundo externo a Jerusalém, pois Silvestre é picado por uma cobra e fica muito doente. Para salvá-lo, todos regressam à cidade, acabando com o exílio no qual viviam. É também, nessa terceira parte que se revelam os motivos que levaram Silvestre Vitalício, a fugir e esconder-se em Jerusalém, território inaugurado para apagar todas as memórias anteriores a ele. A fuga é resultante do traumático acontecimento da morte de sua esposa Dordalma. As causas que resultam em seu falecimento são atordoantes para Silvestre que, por intermédio do esquecimento, busca extinguir tais perturbações. As crueldades cometidas a ela na véspera de sua morte, apesar de impossível de serem dimensionadas, são relatadas na correspondência de Marta a Mwanito:

Eis os fatos, nus e crus. Nessa manhã tua mãe entrou no chapa-cem e espremeu entre os homens que enchiam a viatura. O autocarro partiu, entre fumos, animado de estranha pressa. O chapa não seguiu rumo habitual. O motorista desconduziu-se, distraído, quem sabe, pelo espelho que lhe entregava as retrovisões da bela passageira. Por fim, o autocarro parou num esconso e escuro baldio. O que se passou a seguir me dói escrever.

A verdade é que, de acordo com as esquivas testemunhas, Dordalma foi arremessada no solo, entre babas e grunhidos, apetites de feras e raivas de bicho. E ela foi-se afundando na areia como se nada mais que o chão protegesse o seu frágil e trémulo corpo. Um por um, os homens serviram-se dela urrando como se se vingasse de uma ofensa secular.

Doze homens depois, a tua mãe restou no solo, quase sem vida. Nas seguintes horas, ela não foi mais que um corpo, um vulto à mercê dos corvos e dos ratos e, pior que isso, exposto aos olhares maldosos dos raros passantes. Ninguém a ajudou a erguer-se. Vezes sem conta tentou recompor-se, mas, não encontrando forças, voltou a tombar, sem lagrima, sem alma. (COUTO, 2009, p. 242-243)

Na sequência do que é narrado, já na escuridão da noite, Silvestre apanha a esposa nos braços e a leva para casa, repousa-a na mesa e assim que a vítima recupera a consciência, a colérica voz do marido ordena:

- Consegue ouvir-me?
- Consigo
- Pois escute bem o que lhe vou dizer: nunca mais me envergonhe desta maneira. Escutou bem?

Dordalma acenou afirmativamente, olhos fechados, e ele levantou-se para lhe virar as costas. A tua mãe colocou os pés no chão e procurou apoio no braço do marido. Silvestre desviou-se e lhe negou a saída para o corredor:

- Fique aqui. Não quero que os miúdos cruzem consigo nesse estado. [...] O teu pai despertou alarmado como se uma voz interior o chamasse. O peito arfava, o suor escorria como se ele fosse feito só de água. Foi à janela, correu os cortinados e viu a esposa pendurada

na árvore. Os pés estavam a pouca distância do chão. Entendeu de imediato: essa pouca distância era o que separava a vida da morte.

Antes que a rua despertasse, Silvestre dirigiu-se à casuarina com passo estugado como se ali, à sua frente, apenas estivesse uma criatura vegetal, feita de folhas e ramos. A tua mãe lhe surgiu como um fruto seco, a corda não sendo mais que um pecíolo tenso. Esbracejou contra as ramagens e, em silêncio, cortou a corda para escutar o baque surdo de encontro ao chão. E logo se arrependeu. Aquele som já antes ele escutara: era o barulho da terra tombando sobre a tampa do caixão. Aquele ruído iria incrustar-se nos seus ouvidos como musgo na parede sombria. Mais tarde, o teu silêncio, Mwanito, foi a sua defesa contra esse eco recriminador. (COUTO, 2009, p. 244-246)

‘Temos aqui reveladas as perturbações de Silvestre Vitalício, sendo o martírio que se seguiu à morte de Dordalma o causador deste assombro. No entanto, o elemento mais grave disso tudo evidentemente é o ruído da queda de Dordalma quando toca o chão. Esclarecem-se assim as causas da obsessão pelos silêncios de Mwanito, pois apenas através dele a chaga da culpa era momentaneamente anestesiada.

Na possível reorganização do mundo para cada um dos ex exilados no mundo sem memória que era Jerusalém, cabe assumir, em face das revelações feitas, novas identidades e papéis, o que só vem à tona pelo confronto com o passado (a memória) resgatado pelo que Marta revela. O esquecimento não é mais possível. Muitas verdades desconhecidas são mostradas a Mwanito, como o fato de Ntunzi ser filho biológico de Zacaria Kalash, que no passado fora amante de Dordalma. Os irmãos acabam por se separar. O protagonista é que ficará com a incumbência de cuidar do velho e adoentado Silvestre. O reencontro só acontecerá anos depois, quando Ntunzi (que passou a viver com Kalash) traz consigo as cartas de baralho escritas por Mwanito.

Mwanito confessa ao irmão mais velho que sofre da doença de cegueira do pai e que quando cego se isolava em seu próprio mundo povoado de letras, e então, escrevia suas memórias. Ele presenteia o irmão com esses escritos. Lendo uma parte dos escritos Ntunzi indaga sobre a veracidade daquilo, ao que Mwanito, agora um memorialista, responde

- Nestas páginas tudo é a nossa vida. E viver, mano Ntunzi, quando é de verdade?

Arrumei as folhas e as coloquei dentro da pasta. E lhe ofereci o meu livro como meu único e derradeiro pertence.

- Aqui está Jerusalém.

Ntunzi abraçou a pasta e se adentrou pela casa. (COUTO, 2009, p. 276)

Apesar da difícil experiência ali vivenciada, Jerusalém era seu passado, fazendo parte de sua identidade. Recriá-la, com os recursos da lembrança e da invenção, é algo que se impõe como uma tarefa de resistência à cegueira que insiste em se impor, o que é uma clara metáfora do esquecimento. Contra ele, as letras são uma forma de combate das mais significativas.

Considerações Finais: “A escrita era uma ponte entre tempos passados e futuros” (COUTO, 2009, p. 42)

Buscamos neste artigo observar a representação das muitas faces da memória e do esquecimento (e, ligada a eles, a representação das identidades), no romance *Antes de Nascer o Mundo*. Notamos nele a nítida consonância com as proposições de Halbwachs

(2003) nas ações do protagonista Mwanito, pois ele é completamente dependente de que seu passado seja restituído (ou inventado) pelas memórias alheias, uma vez que não possuía recordação de sua primeira infância. A princípio, exerce um papel importante no estabelecimento dessa construção de sua identidade o contato com o mundo imaginário desenhado pelos relatos de Ntunzi, seu irmão. Em outra parte da narrativa, é a portuguesa Marta quem, por meio de suas cartas, lhe devolve o recorte mais emblemático de seu passado.

Percebemos ainda a estreita e indissociável relação entre memória e identidade, como acontece no caso da cerimônia dos rebatismos, momento em que se busca a extinção do passado justamente através da censura dos anteriores nomes (identidade) que os habitantes traziam consigo. A radicalidade desse ato arbitrário de Silvestre Vitalício, pai de Mwanito, parece ser fruto de uma obsessão que acaba por ser confrontada pela necessidade de contato com o mundo externo ao do vilarejo criado por ele para cortar laços com a civilização. Como pudemos perceber, a emergência de memórias e identidades é sempre mais espontânea que voluntária, e elas não são facilmente moldáveis conforme o desejo do indivíduo. Isso porque as identidades estão em trânsito e constantemente (re)construção. Em suma, os nomes/identidades impostos pelo dominador acabam por ser revistos pelos dominados.

A memória é acionada por influência de vários fatores e está bastante relacionada à ficcionalização, a qual não se confunde com falsificação e sim com os fatores influentes na performance do que é lembrado. O mesmo raciocínio serve ainda para o esquecimento pois, se não temos total controle daquilo que lembramos e da forma como lembramos, também não o temos sobre o esquecimento. Pudemos perceber que, tanto aquele que deseja eternizar um dado acontecimento em sua memória quanto aquele que deseja extingui-lo, não assumem garantias de que serão bem-sucedidos em seus propósitos. Isso é bem representado por Silvestre Vitalício e encontramos nele um dos mais atordoantes efeitos da memória: a culpa vivenciada como fator de trauma.

Em sua ficção, Mía Couto representa e discute instâncias variadas da experiência da memória. Para seus personagens, o lembrar é um exercício de construção identitária subjetiva ao mesmo tempo em que lhes dá a medida do pertencimento ao mundo social e coletivo sempre que ocorre a comunhão de vivências e lembranças. Jerusalém, espaço sem memória, é, por essa razão, a princípio, um mundo aprisionante, fadado a uma vivência do eterno presente idealizado por Silvestre e imposto aos filhos. Contudo, a harmoniosa relação entre os irmãos é fundamental, seja para enfrentar o exílio, seja para constituir suas identidades, principalmente a de Mwanito. Isto porque sem Ntunzi a experiência de mergulho no imaginário (que resultará, tempos depois, na sua entrega à criação com as palavras) não teria acontecido. De grande valor, nesse sentido, é também a faculdade da leitura, clandestinamente presenteada pelo primogênito. Essa, pode ter sido a herança mais significativa que Ntunzi poderia ter assegurado, pois, sem isso, o passado de Mwanito não teria sido a ele devolvido por intermédio das cartas escritas por Marta. Acentua-se nisso a relevância da relação entre memória e discurso, um dos achados mais significativos de *Antes de nascer o mundo*.

Referências

- BRANDÃO, Junito de Sousa. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.
CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANZ, Marcelo

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: Seis ensaios da história das ideias*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: UNESP, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A Língua como Leito da Memória Cultural e Meio de Diálogo Entre as Culturas” in MIRANDA, Danilo Santos de (organizador). *memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Edições SESC, 2007.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.

Recebido em: 29/03/2019; Aceito em: 18/04/2019